



Recebido em 31/01/2018

Aceito em 18/07/2018

**A PESQUISA EM TETE COMO PONTE ENTRE OS OFÍCIOS DE
HISTORIADOR E ESCRITOR**

*THE RESEARCH IN TETE AS A LINK BETWEEN THE HISTORIAN AND
WRITER'S OFFICES*

*LA INVESTIGACION EN TETE COMO PUENTE ENTRE LOS OFICIOS DE
HISTORIADOR Y ESCRITOR*

Fernanda Bianca Gonçalves Gallo¹

RESUMO:

O presente texto aponta as possíveis interseções existentes entre o trabalho do historiador João Paulo Borges Coelho, em especial as pesquisas realizadas na província de Tete que culminaram em sua tese doutoral sobre os processos de deslocamento forçado na província, e sua primeira obra ficcional, *As Duas Sombras do Rio* (2003), ambientada na mesma região. Neste sentido, argumenta-se que a consistência dos dados históricos por ele recolhidos, atravessado por um desejo incontido de experimentar a escrita, ou de reinventar/recontar histórias outras, de forma mais intuitiva e abrangente, tenha impulsionado seu projeto literário.

PALAVRAS CHAVE: História, Literatura, Tete

ABSTRACT:

*The present text points out the possible intersections between the work of historian João Paulo Borges Coelho, especially the research carried out in the province of Tete, culminating in his doctoral thesis on the processes of forced displacement in the province, and his first fictional work *As Duas Sombras do Rio* (2003), set in the same region. In this sense, it is argued that the consistency of the historical data he collected through an unrestrained desire to experiment with writing, or to reinvent / retell other stories more intuitively and comprehensively, has boos-*

¹ Doutora em Antropologia Social – UNICAMP. E-mail: fedoca_gallo@hotmail.com



ted his literary project.

KEYWORDS: *History, Literature, Tete*

RESUMEN:

*El presente texto apunta las posibles intersecciones existentes entre el trabajo del historiador João Paulo Borges Coelho, en especial las investigaciones realizadas en la provincia de Tete que culminaron en su tesis doctoral sobre los procesos de desplazamiento forzado en la provincia, y su primera obra ficticia, *As Duas Sombras do Rio* (2003), ambientada en la misma región. En este sentido, se argumenta que la consistencia de los datos históricos por él recogidos, atravesado por un deseo incontrolado de experimentar la escritura, o de reinventar / recontar historias otras, de forma más intuitiva y exhaustiva, ha impulsado su proyecto literario.*

PALABRAS CLAVE: *Historia, Literatura, Tete.*

Em entrevista cedida a Doris Wieser (2016), João Paulo Borges Coelho afirmou que seu primeiro livro, *As Duas Sombras do Rio* (2003), tem mais elementos da realidade do que qualquer outro que tenha escrito². Evidência, neste sentido, foi a criação de personagens inspirados em pessoas que entrevistou durante suas pesquisas na região do Zumbo, distrito de Tete. O próprio Leónidas Ntsato, figura central da obra, foi inspirado em um homem considerado maluco pela aldeia e que, em conversa com JPBC, admitiu que tinha acordado em uma ilha no meio do rio e já não sabia quem era. Outro caso interessante refere-se à personagem Joaquina M'boa que representa uma curandeira com quem JPBC se consultou e que lhe contou a história de Kanyemba, um poderoso *muzungu* que supostamente recebia o espírito do leão *mphondoro* e dominou a região no contexto das famílias afro-goesas, assunto destrinchado durante este texto³. Sobre a consulta/entrevista, JPBC descreve que a curandeira incorporou Kanyemba e relatou parte de sua vida enquanto líder, incluindo os encontros que teve com os administradores locais. O surpreendente nesta história é que o Kanyemba incorporado na curandeira, citou corretamente a sucessão dos administradores com que ele havia negociado no passado. JPBC, como um bom historiador ligado às fontes, tinha em mãos a lista dos administradores que a curandeira seguiu, um a um, ainda que um século já se tivesse passado, dificultando qualquer improvisação. Diante desta experiência singular, o então cientista concluiu: “Há ali uma memória que escapa ao crivo do poder, da academia, mas que funciona”. (COELHO *apud* WIESER, 2016, p.152)

² Daqui por diante, João Paulo Borges Coelho será referenciado como JPBC.

³ A palavra *muzungu* foi usada para identificar as pessoas provenientes de famílias mestiças detentoras de terras (prazos) que Portugal manteve nos territórios na África Oriental a partir do século XVII (RODRIGUES, 2006). Atualmente, em Tete, *muzungu* é o termo usado para designar um estrangeiro.

Teria sido esse o momento no qual JPBC percebeu que as memórias diversas possibilitam a produção de narrativas históricas surpreendentemente dinâmicas e que a escrita literária pode ser um espaço para acolhê-las? Embora a pergunta seja instigante apenas o próprio autor poderá, quem sabe um dia, respondê-la. Nesse sentido, o presente texto busca traçar conexões entre o trabalho do acadêmico e o trabalho do escritor, argumentando que esses dois universos se complementam.

Portanto, a primeira parte, intitulada *Tete como espaço de pesquisa*, consiste em recuperar elementos da trajetória acadêmica de JPBC até a publicação de *As Duas Sombras do Rio*, em 2003, buscando conexões entre sua pesquisa em Tete e a escrita da obra. O próprio autor já mencionou essa ligação ao afirmar que o romance surgiu:

Como notas de trabalho, notas de trabalho numa região muito remota. Visitei-a diversas vezes, no pós-guerra civil, anotando pequenas histórias. Nunca me passou pela cabeça escrever um romance. Mas depois comecei a ligar essas histórias, talvez por achar que ninguém mais as fosse ligar, elas eram tão dispersas, e foi assim que nasceu o livro, não de um plano, mas de diversas pequenas histórias que se começaram a ligar umas às outras. E para as ligar foi preciso assassinar, raptar e fazer desaparecer algumas personagens e, ao mesmo tempo, com uma vara mágica, fazer surgir outras (LABAN, 2009, p. 264-265).

É provável que haja lacunas de sua trajetória acadêmica, já que nem todos os projetos e pesquisas de que JPBC fez parte foram publicados. De toda forma, o material produzido pelo projeto “Tete - a luta armada pela independência”, do Arquivo Histórico de Moçambique (1983-1985), no qual JPBC participou publicando dois livros e dois artigos, sua tese doutoral e dados do projeto Estudo da Dinâmica de Reassentamento de Deslocados de Guerra na zona de Zumbo/Bawa (Tete), que também contou com a atuação de JPBC, fornecem subsídios para traçar tais conexões.

A segunda parte do texto, chamada de *As Duas Sombras do Rio como travessia*, indica quatro principais elementos da citada obra que argumento terem sido enriquecidos pela condição do autor enquanto especialista da região de Tete, entre elas ressaltam-se: a sólida contextualização da guerra dos 16 anos (1976-1992); a relação existente entre o mundo dos mortos e o mundo dos vivos; o cuidado histórico com a diversidade de posicionamentos coletivos e individuais ao longo da história moçambicana e a ideia de persistência histórica. Os quatro elementos citados, conforme pretende-se demonstrar, produzem uma interessante simbiose entre memória, fontes históricas e narrativa literária. Contudo, vale ressaltar que não se trata de produzir uma relação causal entre pesquisa acadêmica transformada em literatura, uma vez que o próprio Coelho (2003) declarou que as fronteiras entre história e ficção são claras, mas refletir sobre o modo pelo qual a experiência do ofício de historiador enriqueceu seu singular projeto literário.

Tete como espaço de pesquisa

João Paulo Borges Coelho se bacharelou em História pela Universidade Eduardo Mondlane, em 1978, momento no qual a jovem nação enfrentava inúmeros desafios. Para se ter uma ideia, entre 1975-1978, o número de professores universitários, em todo país, não chegava a uma dezena (FERNANDES, 2013, p.13). Além disso, aos cientistas e pesquisadores foi incumbida a tarefa de reunir esforços para alterar as condições sociais, como pontuou o então reitor Fernando Ganhão, em 1982, durante a Reunião de Peritos sobre os Problemas e Prioridades na Formação em Ciências Sociais na África Austral. (GANHÃO, 1983, p.7). Além deste aspecto prático, a jovem nação carecia de uma nova narrativa histórica que rompesse com a herança colonial e tivesse como ponto de partida a experiência da luta de libertação nacional. Neste cenário, a disciplina de história ganhou espaço, sobretudo com a criação do Centro de Estudos Africanos (CEA), em 1976, dirigido por Aquino de Bragança a convite do reitor. As diversas pesquisas gestadas no CEA, a exemplo das obras *O Mineiro Moçambicano: Um Estudo sobre a Exportação de mão de obra em Inhambane* (1977) e o texto *Zimbábue - A questão Rodesiana* (1978), foram relevantes para a consolidação das ciências sociais em Moçambique.

No mesmo ano e no mesmo prédio do CEA, o antigo Instituto de Investigação Científica de Moçambique, foi criado pelo pintor e escritor António Quadros o Centro de Técnicas Básicas de Aproveitamento dos Recursos Naturais (TBARN) que, como o nome sugere, se concentrava na pesquisa de soluções práticas para os muitos empecilhos técnicos da desejada socialização do país, especialmente na zona rural. Entre os dois horizontes investigativos, chamado pelo próprio JPBC de “tensões criativas”, o que mais seduziu o jovem estudante de história parece ter sido o TBARN no qual ele chegou a atuar como diretor adjunto. Em um colóquio realizado em homenagem a Ruth First, que dirigiu as pesquisas no CEA entre 1977-1980 até sofrer um atentado à bomba no seu gabinete, JPBC relembrou que Aquino e António eram intelectuais completamente diferentes. Enquanto Aquino era um exímio articulador político, António preferia trabalhar com abelhas e assim manter suas mãos sujas de terra. Acerca de sua experiência no TBARN, JPBC relembrou que:

Líamos Rene Dumont e Leroi-Gourham, ao mesmo tempo que estudávamos formas de conservar os cereais, de construir bem e barato com materiais disponíveis, de utilizar a tração animal, de aproveitar a força da água em pequenas represas e carneiros hidráulicos, enfim, de projectar de forma talvez um pouco ingénua, mas muito entusiástica, as soluções materiais de uma sociedade nova, justa e horizontal, onde os homens viviam do lado da natureza. (COELHO, 2007)

Entre 1980-1981, JPBC coordenou, através do TBARN, o “Projeto Niassa”, realizado no distrito de Mavago, e que consistia em implementar um conjunto de atividades como: pesquisa da história regional, levantamento das técnicas tradicionais de trabalho (especialmente do



ferro para posterior produção de ferramentas de trabalho como enxadas) e apoio para a implementação de horticultura, uma cooperativa de materiais de construção, além da dinamização dos órgãos de poder local (assembleia do povo e conselho executivo), segundo as premissas socialistas da FRELIMO. Foi justamente no momento em que se deleitava com a criatividade de António Quadros que JPBC teve sua história em quadrinhos, *Akapwitchi Akaporo. Armas e Escravos*, publicada pelo Instituto Nacional do Livro e do Disco, em 1981. A obra retrata as guerras do Marave como símbolo da luta anti-colonial, ao sabor de uma narrativa histórica nacional heróica. O mesmo tom é usado em sua segunda história em quadrinhos, *No Tempo do Farelahi*, publicada em 1984, com o mesmo instituto e que se volta para a resistência da população da ilha de Moçambique frente à expedição de Mouzinho de Albuquerque.

Além do TBARN, entre 1983-1985, JPBC se inseriu no Projeto “Tete – a luta armada pela independência”, promovido pelo Arquivo Histórico de Moçambique e que resultou na publicação das obras *A Primeira Frente de Tete e o Malawi* (1984) e *Início da Luta Armada em Tete, 1968-1969: A Primeira Fase da Guerra e a Reação Colonial* (1989). Ambas situam o papel de Tete na luta de libertação nacional e recuperam o trajeto percorrido pela Frente de Tete, que foi uma estratégia utilizada pelos guerrilheiros da FRELIMO para entrar em Moçambique, via Zâmbia, e chegar ao centro do país recrutando a maior número possível de pessoas. O autor demonstra em que medida a ação dos guerrilheiros foi definindo a contra-guerrilha colonial, após os portugueses perceberem que a guerra era movediça e não se tratava apenas de encontrar e aniquilar uma base militar, pois esta podia reaparecer tempos depois com ajuda da população. Nesta direção, JPBC evidenciou que os aldeamentos coloniais eram criados no mesmo ritmo que a guerra nacionalista avançava e serviram, portanto, mais como uma estratégia de guerra do que uma política colonial de reordenamento rural, como se propagandeou.

Além dos livros, a pesquisa para o projeto rendeu a publicação de mais dois artigos no Boletim do Arquivo Histórico de Moçambique, ambos no ano de 1991: “Entrevista com Celestino de Sousa: A actividade da Frelimo em Tete, 1964-1967”, que indaga a memória do antigo combatente da FRELIMO em Tete, e o artigo “Tete, 1900-1926: O Estabelecimento de uma Reserva de Mão-de-Obra”, que versa sobre a estratégia colonial de lucrar através do recrutamento de trabalhadores para as companhias concessionárias ou para os países vizinhos por meio de contratos, o que acabou por afetar severamente as dinâmicas de produção familiar.

No projeto “Tete - a luta armada pela independência”, JPBC teve um amplo encontro com as fontes documentais coloniais. Os relatórios produzidos pelas administrações provinciais e locais, incluindo atas de reuniões e correspondência entre os Concelhos e as Circunscições e seus respectivos postos administrativos (com regedorias e chefes de povoação), descrevem as muitas estratégias utilizadas pela população para burlar o controle colonial, revelando que a ação histórica não esteve concentrada apenas nas mãos da administração colonial. Ainda sobre a guerra de libertação, o corpo documental produzido pelo Serviço de Centralização e Coordenação

da Informação de Moçambique (SCCIM) e pelo Gabinete de Informação e Formação Pública (GIFOP), responsável pela propaganda, contrapropaganda e informação, foi destrinchado pelo historiador frente à riqueza de dados produzidos nos inquéritos, relatórios e pesquisas etnológicas ali documentadas. Em suma, a experiência com a Tete dos papéis datilografados durante o fim do colonialismo parece ter despertado o interesse do historiador que, aliás, já tinha uma memória distante da região, uma vez que foi Tete, precisamente Moatize, seu primeiro lar moçambicano. JPBC veio para a vila carbonífera aos 2 meses de idade e por lá ficou até os 3 anos, acompanhando o pai que trabalhava como engenheiro nas minas de carvão.

Enquanto escrevia sobre a luta de libertação em Tete, um outro conflito, a chamada guerra dos 16 anos, ou guerra civil entre FRELIMO e RENAMO, despontava com força na região, obrigando grande parte da população a se refugiar nos países vizinhos. Novamente, milhares de moçambicanos foram forçados a se deslocar como já haviam feito durante o período colonial para fugir do *chibalo* (trabalho forçado) ou mesmo durante a guerra de libertação. Importante lembrar que foi justamente em Tete, no distrito de Changara, que no dia 16 de dezembro de 1972 ocorreu o Massacre de Wiriyamu vitimando 400 pessoas e que ganhou notoriedade após a publicação de um relatório feito pelo padre Vicente Berenguer Llopis, desacreditando, ainda mais, o colonialismo português. Portanto, a vivência no período da guerra, uma guerra “entre moçambicanos” que aos poucos foi revelando a distância entre os ideais socialistas e as diversas práticas populares, como argumentou Geffray (1991), parece ter despertado no então historiador a perspectiva analítica de uma continuidade histórica dos deslocamentos populacionais no país. Evidência neste sentido foi sua tese de doutoramento em História Econômica e Social na Universidade de Bradford, Inglaterra, intitulada *Protected Villages and Communal Villages in the Mozambican Province of Tete (1968-1982): A History of State Resettlement Policies, Development and War*.

A tese de 460 páginas, defendida em 1994, continua sendo uma referência fundamental sobre a dinâmica histórica da província. Seu recorte temporal é amplo, pois o autor opta, acertadamente, em demonstrar as dinâmicas de assentamento populacional na região de Tete desde o período pré-colonial, nos proporcionando uma análise de longa duração. Recuperando a história do povo *Chewa* e discutindo a forma de sua organização territorial, JPBC insere o vale do Zambeze em um contexto cuja dinâmica migratória populacional foi marcante.⁴ Fazendo isso, o autor pontua que a chegada dos portugueses no vale apenas acirrou um cenário de mobilidade já existente, profundamente ligado à busca de ouro, marfim e escravizados. A

4 Segundo Coelho (1993), a vasta área do norte do Zambeze foi povoada por grupos matrilineares da chamada Confederação Marave, formada por 3 principais povos: Nyanja (com segmentos Manganja e Niassa), Nsenga e Chewa, com segmentos Chipeta e Zimba. Por sua vez, a Confederação Marave seria um segmento de grupos da linhagem dominante do clã Phiri que, entre 1200-1400, emigrara de Luba, no Congo, e se desdobrara, provavelmente, através de disputas por poder nas unidades políticas de Kalonga no lago do Niassa, Lundo no vale do Shire e Undi.

partir dessa assertiva, ele destrincha o modo pelo qual os portugueses impactaram as formas de assentamento até então existentes, com destaque para instituição dos Prazos da Coroa⁵, cujos detentores tinham pouca ou nenhuma lealdade com a distante metrópole. Tal situação, chamada por Pélissier (2000) de complexo zambeziano, teria favorecido a formação dos estados militares, estados secundários ou supra prazos, como os de Massangano, Macanga, Massangire, Kanyemba que ocuparam e desocuparam os territórios de Tete a depender das alianças militares que conseguiam traçar.

Segundo Coelho (1993), os primeiros Estados a surgir em Tete, no vasto território a norte do rio Zambeze, entre os rios Rovubué e Aruangua, foi Macanga. Liderado pela família de Caetano Pereira, uma dinastia iniciada com a chegada de Gonçalo Caetano Pereira, vindo de Goa por volta de 1760, Macanga exerceu grande influência na região, desenvolvendo atividades de comércio com o potentado Biza-Cazembe. O Pereira da terceira geração se recusou a apoiar a expedição portuguesa para o Cazembe e se casou com a filha de uma chefatura do Undi, travando uma grande disputa com o poderoso Massangano, na região de Changara, entre os rios Luenha e Zambeze, fundado por Joaquim da Cruz. Massangano dominou o tráfego comercial pelo rio Zambeze e com a atuação destes estados secundários, o padrão de assentamento local foi novamente alterado, passando a centrar-se nas atividades militares de proteção das aringas e captura de escravizados.

Essas famílias mestiças, os *muzungos*, em geral, eram originários da Índia portuguesa, usavam nomes portugueses, consideravam-se católicos, mas não se furtavam a consultas com os *ngangas* (curandeiros) e práticas cerimoniais locais. Para Newitt (1997, p.123), “tratava-se de uma sociedade em que qualquer indivíduo que se encontrasse à margem da sociedade colonial e do mundo das principais linhagens africanas podia abrir caminho e triunfar”. Na região do Zumbo, cenário escolhido para *As Duas Sombras do Rio*, JPBC indica a atividade das famílias de Araújo Lobo e Rosário Andrade, que controlaram a região até 1900, mesmo ano em que Angónia foi “pacificada”, seguindo os termos usados pela administração colonial. O Zumbo ganha espaço na tese, pois foi uma antiga Feira de ouro ocupada pelos estados de José do Rosário Andrade, apelidado de Kanyemba, e José de Araújo Lobo, o Matakenya, além dos estados de Guengue de Dona Inácia da Cruz em Mutarara, Massangire dos Vaz da Gama em Morrumbala, também no atual distrito de Mutarara, e Maganja da Costa dos Bonifácio da Silva. O aprofundamento desta dinâmica social singular, na qual certos brancos incorporavam o *modus operandi* local a ponto de se tornarem líderes espirituais, instigou a criação de personagens literários tanto na obra de JPBC, quanto de Ungulani Ba Ka Khosa, em seu *Choriro* (2009).

Finalizando a primeira parte da tese, o autor decorre ainda sobre as mudanças administra-

5 Os Prazos eram concessões de terra mediante uma renda anual por um período de três gerações. Para ter acesso legítimo a um Prazo, o colono tinha que cumprir certas condições, como recolher impostos – o chamado *mussoco*, administrar a área (e seus habitantes) e fornecer apoio militar às autoridades.

tivas impostas pelo Estado Novo de Salazar para, em seguida, dar prosseguimento às segundas e terceiras partes do texto focando na comparação entre os projetos de reordenação rural, a saber, o aldeamento colonial edificado pela administração portuguesa e a aldeia comunal pela FRELIMO, no pós-independência. Nessa direção, JPBC, novamente, embasado em corpo documental bastante sólido e uma astuta capacidade de análise, argumenta que ambos projetos, embora com objetivos notadamente diferenciados, acabaram por desestruturar os modos de organização e produção familiar em nome de suas propostas políticas. Tanto os aldeamentos coloniais que buscavam impedir o contato da população com os nacionalistas, quanto as aldeias comunais que pretendiam criar novas relações de produção no campo extinguindo a “exploração do homem sobre o homem”, padeceram de problemas semelhantes como: falta de terras agrícolas e água devido à aglomeração coercitiva para aldeias; danos ambientais; inserção de uma arquitetura cartesiana que pouco dialogava com a cosmovisão espacial dos agregados familiares; quebra da rede de comercialização rural e outros. Em suma, na conclusão da tese o autor aponta, de maneira desencantada, que os dois projetos desrespeitaram os modos locais de produção e assim dificultaram a reprodução social dos grupos contribuindo para o aumento da miséria no país. Quem sabe o desencanto com essa história real teria impulsionado a escrita ficcional? O que se pode afirmar é que a pesquisa acadêmica realizada por JPBC, tanto para o Projeto Tete do Arquivo Histórico Moçambicano quanto para sua tese, indicam a possibilidade de memórias diversas e narrativas múltiplas.

O tema das guerras e as profundas consequências em termos de deslocamentos populacionais continuou sendo alvo de JPBC e muitos outros investigadores da altura. O contexto de reconstrução do pós-guerra e o regresso de 5 milhões de deslocados internos e 1 milhão de refugiados, ocupou uma significativa parcela dos pesquisadores em Moçambique. Assim como foram chamados para edificar a narrativa da jovem nação, agora contava-se com sua *expertise* para o esforço hercúleo de assentar a paz. Neste contexto, entre 1996 e 1997, JPBC participou do projeto “Estudo da Dinâmica de Reassentamento de Deslocados de Guerra na zona de Zumbo/Bawa (Tete)”, promovido pelo Núcleo de Estudos da Terra com a colaboração do Departamento de História e do Centro de Estudos da População (CEP), todos ligados à Faculdade de Letras da UEM.

Nazir Can (2013) menciona que, em algumas entrevistas, JPBC chegou a afirmar que o livro *As Duas Sombras do Rio* foi sendo construindo após uma viagem de pesquisa de campo ao Zumbo, possivelmente no âmbito do projeto citado. Ali, buscando analisar os problemas causados pela guerra, como o acesso à terra dos regressados, a força do rio Zambeze teria atingido o autor já bem familiarizado com a dinâmica histórica do rio: “De alguma forma, ele [o Zambeze] incutiu em mim uma forma de escrever ficção a partir da surpresa provocada pelos lugares (...) o rio serviu vários propósitos: traçando uma poderosa fronteira entre dois distintos mundos, ‘serviu-me’ para tratar a questão da guerra (COELHO *apud* CAN, 2013:78).

Após recolher centenas de entrevistas e analisar diferentes casos sobre os efeitos da guerra na vida das pessoas comuns, JPBC continuou trabalhando em outros projetos, além de atuar como professor. Contudo, ele tinha sido atravessado por suas experiências acadêmicas, intuitivas e até pessoais em Tete, esse lugar de embondeiros poderosos, calor tórrido e gente diversa.

As duas margens do rio como travessia

Assumo-me como eu próprio, uno e indivisível, embora com as contradições e conflitos que, de uma maneira ou de outra, nos atravessam a todos. Não estou dentro do acadêmico ou do escritor, eles é que estão dentro de mim.

(Coelho *apud* Santos, 2011)

Argumentando que a consistência dos dados coletados nas pesquisas realizadas por JPBC em Tete corroboraram para a escrita do livro *As Duas Sombras do Rio*, alguns elementos que evidenciam tal conexão serão aqui apresentados. O primeiro deles é a relação existente entre o mundo dos mortos e o mundo dos vivos, observada durante a pesquisa de campo e transpassada para o livro. Exemplo nesse sentido é a representação do poderoso Kanyemba, chefe *muzungu* que no livro dá nome a uma localidade no vizinho Zimbábue e também é rememorado através do espírito *mphondoro* que, segundo a história oral, o verdadeiro Kanyemba supostamente reivindicava. Para abalar ainda mais a fronteira entre realidade e ficção quem recebe o *mphondoro* é a curandeira Joaquina M'Boa tanto no romance, quanto na realidade, conforme mencionado no início deste texto. No romance, o leão incorporado recupera seus tempos de glória para analisar o miserável presente que vê em sua frente:

Eu gostava muito, muito de marfim. Viajei então por todos estes lugares em volta. E começaram todos a falar no meu nome, uns bem, outros mal. Todos diziam que o Kanyemba passou por aqui. A minha vida foi essa: combati para ganhar a terra e quando chegou o tempo de morrer, morri aqui mesmo na minha palhota. E da minha morte saiu o espírito do leão e por isso eu, o grande m'phondoro, estou aqui com vocês. Eu sou o Kanyemba, o grande leão (...). E o que vejo na minha terra? Vejo machambas de onde mal sai comida, vejo elefantes que mal procriam (nunca se viu tão poucos elefantes nessa terra como agora), mulheres com seios secos e mirrados de onde não pinga o leite, almadias furadas junto à margem do rio, celeiros vazios, cestos com a palha amarela, painéis partidos como se não fosse preciso cozinhar mais, árvores em fruto, sem folhas e sem porte, inclinadas para o chão. Vejo a terra gretada, caminhos que já quase deixaram de existir. Vejo as fogueiras já raras e quase apagadas. Já quase não há fogo! (Coelho, 2003, p. 148 e 149).

E assim, fazendo uso do poder que lhe foi conferido em vida e na morte, o leão incorporado em Joaquina decide alertar seus descendentes do perigo que se avizinhava, permitindo que



a população fugisse do ataque dos invasores.

A presença dos mortos (e do passado que lhes acompanha) é adensado por personagens como Sixpence, que, após perder a perna na boca de um crocodilo, recebeu o espírito de Gomanhundo, alcunha do Frei dominicano Pedro da Santíssima Trindade, um personagem verdadeiro indicado como pioneiro na povoação do Zumbo durante o século XVIII (Sampaio, 2006). Ainda sobre esse passado recuado, marcado pelo incessante conflito em busca do marfim, do ouro e de escravizados, o narrador da obra indica como a fúria da ganância tornou o local “num deserto de pessoas e numa concentração de almas penadas” (COELHO, 2003, p. 41). No romance, o passado também se torna presente por meio das continuidades de certas práticas, como o tráfico de marfim conduzido pela congoleza Mama Mère desde a Zâmbia e seus cúmplices Million, superintendente do Parque Nacional do Baixo Zambeze, e os caçadores Suzé Mantia, João Bonifácio João e Aniceto Willian.

Mesmo a distância dos dois grandes complexos culturais entre o norte, representado pelo elemento feminino associado à água e à cobra, e o sul representado pelo fogo e pelo leão jovem e vigoroso, que JPBC admitiu pensar ser apenas uma criação dos antropólogos, foi um fenômeno verificado enquanto exercia seu ofício de historiador (WIESER, 2016, p.151). As duas margens da obra indicam não apenas os dois complexos culturais, mas também a margem que separa o antes e depois da guerra entre FRELIMO e RENAMO, cujas consequências o autor acompanhou de perto durante a participação no projeto Estudo da Dinâmica de Reassentamento de Deslocados de Guerra na zona de Zumbo/Bawa (Tete). Nesse sentido, Nazir Can pontua que os fatos ocorridos durante a guerra têm menos relevância do que “a ambivalência dos bastidores humanos da guerra, *topos* de impossível catalogação” (2013, p.78). De todo modo, argumenta-se que o modo pelo qual a guerra é contextualizada na obra *As Duas Sombras do Rio* é o segundo elemento que evidencia as conexões entre as pesquisas realizadas por JPBC e sua escrita literária. Buscando entender o porquê daquela guerra, o narrador da obra (e talvez o próprio autor) questiona se aquele olhar inexpressivo dos invasores seria um olhar de cobiça e ganância – o que logo descarta por se tratar os invadidos de pobres camponeses –, até concluir que: “É tão-só um ódio amarelo, um ódio sem motivo e sem a conspiração da história e do sentido – um ódio puro” (Coelho, 2003, p.68).

De fato, esse ódio violento relatado a JPBC nas entrevistas que realizou é compartilhado por outros pesquisadores da guerra dos 16 anos. Além de recorrer a um discurso religioso tradicional, a RENAMO fez uso deliberado de uma excessiva violência ritualizada para incutir um grande temor na população local e, assim, garantir controle e suprimentos para seus soldados (SIEBERT, 2003). Segundo Kuyeri (1994), a partir de 1984/85, a guerra foi se acirrando em Tete, alertando os países fronteiriços Zimbábue, Malawi e Zâmbia, que dependiam do corredor comercial que os liga. Lembrando que na obra *As Duas Sombras do Rio* o primeiro ataque ao Zumbo, previsto por Leónidas Ntsato, ocorreu precisamente no dia 16/10/1985. A relação com

os exércitos vizinhos também é retrata na obra através de personagens como o Tenente Zvobo do Zimbábue e, de fato, a Tropa zimbabuana, chamada de *Makhomoredi* ou *Conrads* atuou fortemente na região. Sua infantaria motorizada e seus helicópteros tinham por fim proteger o corredor de Beira por meio de colunas e Destacamentos Operativos Especiais (DOE's). Além destes compunham as forças militares em Tete: a Tropa normal, subordinada às Forças Armadas de Moçambique (FAM), treinada em Chithatha, no distrito de Moatize, e responsável pela proteção das sedes distritais e sedes de localidade; as forças locais, efetivos paramilitares recrutados por empresas para proteger bens e escoltar o transporte das mercadorias; a Tropa treinada na Zâmbia e as Milícias populares que agiam a nível da proteção das aldeias e que, no romance, os traficantes de marfim da personagem Mama Mère encontram no meio da floresta.

O terceiro elemento seria o cuidado histórico tomado pelo autor nos textos acadêmicos e que se faz sentir na construção de sua literatura ao apontar a diversidade de posicionamentos tomados ao longo da história, equilibrando desejos e estratégias. Em sua tese, o autor indica que durante a guerra de libertação, na região de Moatize, por exemplo, os regulados da área central, como Tundumula e Sipanela, ampararam os combatentes. Já na área do Posto administrativo do Zóbuè, enquanto o régulo M'Boola (filho) foi morto por denunciar o movimento nacionalista, os régulos Zacarias, Catabua, Cambuembua e Chimarizene apoiaram a FRELIMO. Entre os dados encontrados pelo autor, o regulado de Buxo é bem interessante, uma vez que seu *mpfumo* apoiou a guerrilha, enquanto seu régulo tentou cooperar com as autoridades coloniais, protegendo desertores do grupo e informando sobre os movimentos dos combatentes (COELHO, 1993, p. 263). No romance o pai do personagem Suzé Mantia, por exemplo, após ser agredido pelos chamados subversivos da FRELIMO que o acusavam de transportar armas para os colonos, resolveu partir prevendo que seu filho seria convocado para um dos dois exércitos. O narrador ainda pondera que a aldeia ficara absorta e dividida frente a coragem daqueles guerrilheiros negros que vinham de bases com carros e grandes edifícios iluminados, coisa que ali ninguém nunca vira. Porém, a sova vivida por Mantia lhe deixara desconfiado, além disso “a idade ensinara-lhe a desconfiar do futuro, a dar importância ao presente” (COELHO, 2003, p. 129). Já o personagem Mussadaluz, régulo de aldeia de Meia-Chuva, durante uma reunião com seu povo, após enumerar as injustiças perpetradas pelo administrador, rasgou a caderneta de identificação, jogou fora o chapéu de régulo, despiu a farda e fugiu dos domínios coloniais rumo a Zâmbia, levando consigo quem assim desejou. Talvez seja interessante pontuar que Suzé Mantia realmente existiu e foi lembrado pelo autor durante seu discurso de agradecimento do prêmio Leya, em 2010, ao mencionar a valiosa matéria prima que são as histórias contadas por mestres como o moçambicano Mantia.⁶

Ainda no que se refere ao que chamei de “cuidado histórico” em *As Duas Sombras do*

⁶ Ver: http://macua.blogs.com/moambique_para_todos/2010/03/jo%C3%A3o-paulo-borges-coelho-recebe-pr%C3%A9mio-leya.html. Acessado em 25/01/2018



Rio, JPBC se preocupa em situar o espaço fronteiriço como palco de diversas frentes de contestação do colonialismo, como o Comitê Revolucionário de Moçambique (COREMO) citada COREMO, criado em 1965, na Zâmbia, e a União Nacional Africana de Moçambique Independente (UNAMI), formada no Malawi. Enquanto a UNAMI pregava a independência negociada com Portugal, a COREMO ficou conhecida por ataques espetaculares por guerrilheiros que, em grande parte, a partir de 1968, aderiram a FRELIMO, a exemplo do personagem Meia-Chuva que, diferente de muitos jovens, não foi raptado e aderiu ao movimento por consciência própria.

O quarto e último elemento de intensa conexão entre as pesquisas de JPBC, especialmente no que diz respeito a sua tese, é a ideia de persistência histórica do deslocamento populacional da região de Tete, bem representado no longo trecho citado abaixo:

De dentro, do Congo e do Alto Zambeze, vinham novos viajantes com o ouro, o marfim e a borracha, gente de costumes diferentes mas bons conversadores e ingênuos como são as pessoas do interior, pois a artimanha se conquista com o contato com os diferentes, e este contato se faz mais facilmente através do mar. Até que ingleses e belgas se ficaram por aquelas paragens de onde eles vinham e os fizeram levar aqueles produtos por outros lugares e nunca mais por aqui passaram. De baixo chegavam as hordas Angunes com rodela pretas na cabeça e uma organização implacável de formigas gigantes que deixavam um rastro de sangue à passagem do seu gado e seus soldados, gente do Sul, austera e militar, muito diferente dos anteriores e que surgiam dando ordens como se muito ali estivesse. Do mar, chegavam as companhias do Geral Castilho, praças amarelas e infectadas de malária sem saberem o que ali faziam e que acabavam por morrer ou se amantizar com mulheres locais, querendo muito deixar de ser diferentes para aproveitar do que estava disponível aos da terra. Tinham, os seus chefes, o fito de acabar com toda aquela desordem para impor nova ordem e conseguiram-no, como a história acabou por comprovar. E, finalmente, passavam ainda os muzungus do lugar, gente sem escrúpulos nem descanso, em razias permanentes que por serem sujas e malévolas não deixam, à sua maneira, de ser viagens.

E o povo daquela terra concluiu que se todos viajavam, chegando e partindo, vendendo e comprando, também ele podia viajar e conhecer novos lugares, vendendo seu trabalho e comprando o que lhe quisessem dar. E toda aquela e outra gente parecia disposta a ajudá-los nessa sua vontade. Espalharam-se recrutadores pelo campo, prometendo tudo a quem quisesse com eles ir, avançando até o dinheiro para a viagem. E partiram gerações atrás de gerações, de tal forma que a partida lhe ficou no sangue e não seria um povo inclinado a ficar na sua terra (COELHO, 2003, p.115).

De fato, tanto a obra científica quanto o texto literário *As Duas Sombras do Rio* indicam que o deslocamento, forçado ou não, é parte inerente da história moçambicana. Isso fica evidente a partir da análise de diferentes projetos de poder que apostaram no reordenamento rural como uma estratégia de controle populacional e transformação tanto da produção econômica



quanto das “mentalidades” segundo os anseios e ideologias próprios de cada contexto, conforme demonstrou a tese de JPBC. Contudo, além das ações que resultaram em deslocamentos forçados, como os aldeamentos coloniais e comunais, também a população criou estratégias pautadas no deslocamento para negar, boicotar, esquivar-se dos projetos de poder em diferentes momentos (Gallo, 2017). Porém, muitas dessas memórias subterrâneas (POLLAK, 1989) parecem ignoradas pelo ofuscante brilho da história oficial ainda centrada nos considerados heróis nacionais, tema tratado por JPBC em outra ocasião (COELHO, 2015).

Diante desse cenário, são imprescindíveis as possibilidades oferecidas pela literatura de JPBC que, ao trazer à tona o desencanto, a distopia, a contradição, mas também as “pequenas dignidades”, como os projetos e sonhos de Amoda Xavier, a determinação de Dona Flora, a força da enfermeira Inês e, por fim, o livre arbítrio de Leônidas Ntsato no fim de sua vida, complexificam os sentidos e os sentimentos vividos nos 40 anos da jovem nação.

Contudo, é preciso ter em conta os limites da hipótese de que a pesquisa em Tete teria impulsionado sua escrita ficcional. Como disse o próprio JPBC em entrevista realizada em 2011:

Não tenho um “objetivo” quando escrevo. Tenho um feixe de intuições (não direi “necessidades” para não parecer dramático) que me conduzem a uma prática da qual colho grande gozo (não direi “vício” pela mesma razão). São as intuições que me levam aos temas e à maneira como os abordo. (Coelho *apud* Santos, 2011).

Na mesma entrevista, ao diferenciar o conto da ficção, o autor pontua que “no romance, uma vez feito o ‘arranque’, se trata de seguir um itinerário quase musical animado pelo deslumbramento de pequenas descobertas”. Portanto, o que procurei demonstrar ao longo deste texto é que este “arranque”, e não propriamente uma mera relação causal, pode ter sido despertado por um sólido conhecimento teórico sobre Tete e um desejo incontido de experimentar a escrita (incluindo aí a memória histórica) de forma mais emocional e libertária que uma escrita acadêmica desapaixonada⁷.

REFERÊNCIAS:

BA KA KHOSA, Ungulani. **Choriro**. Maputo: Editora Alcance 2009.

CAN, Nazir A. Da filologia da guerra à divisão do “eu” feminino em *As Duas Sombras do Rio*, de João Paulo Borges Coelho. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, v. 23, p. 77-89, 2013

⁷ Em entrevista a Rodrigues da Silva (Jornal de Letras, Artes e Ideias n 930, 2006)

FERNANDES, Carlos. Intelectuais orgânicos e legitimação do estado no Moçambique pós-independência: o caso do centro de estudos africanos (1975-1985). *Afro-Ásia*, 48 (2013), 11-44

GALLO, Fernanda B. G. **Andando à procura dessa vida**: Dinâmicas de deslocamento na província de Tete-Moçambique, do colonialismo tardio à mineradora Vale. Tese de doutorado em Antropologia social – UNICAMP, 2017

GANHÃO, Fernando. Problemas e prioridades na formação em ciências sociais. **Estudos Moçambicanos**, n. 4, 1983, p. 5-17.

COELHO, João Paulo Borges. A ‘Primeira Frente’ de Tete e o Malawi’, in *Arquivo*, n. 15, Abril de 1994, p. 43-107.

_____. **Início da Luta Armada em Tete, 1968-1969: A Primeira Fase da Guerra e a Reacção Colonial**, Maputo: AHM, Colecção Estudos, 1989.

_____. “Tete, 1900-1926: O Estabelecimento de uma Reserva de Mão-de-Obra”, in *Arquivo*, n.10, Outubro de 1991, p. 103-132.

_____. “Entrevista com Celestino de Sousa: A actividade da Frelimo em Tete, 1964-1967”, in *Arquivo*, n.10, Outubro de 1991, p. 133-168.

_____. As fronteiras entre história e ficção. **Mulemba**. Rio de Janeiro: UFRJ, V.1, n. 8, p. 6-7 . jan./ jul. 2013

_____. **Protected Villages and Communal Villages in the Mozambican Province of Tete (1968-1982): A History of State Resettlement Policies, Development and War**. Tese de PhD, Universidade de Bradford. Departamento de Estudos Económicos e Sociais, 1993.

_____. **As duas Sombras do Rio**. Lisboa: Caminho, 2003.

_____. Abrir a fábula: Questões da política do passado em Moçambique. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 106, 2015.

_____. **Memória dos dias moçambicanos de Ruth First**. Comunicação apresentada no Colóquio Moçambique no Contexto da África Austral e os Desafios do Presente: Repensando as Ciências Sociais. Maputo (mimeo), 2007



Discurso proferido quando da recepção do Prêmio Leya, em 04 de março de 2010 em Maputo. Disponível em http://macua.blogs.com/moambique_para_todos/2010/03/jo%C3%A3o-paulo-borges-coelho-recebe-pr%C3%A9mio-leya.html. Acessado em 25/01/2018

KUYERI, R. M. **História Social da Guerra em Tete**. Artigo não publicado. Universidade Eduardo Mondlane, 1994.

LABAN, Michel. Encontro com os escritores Ana Mafalda Leite e João Paulo Borges. In: GALVES, C. GARMES, H., RIBEIRO, F. **África-Brasil: Caminhos da Língua Portuguesa**. Campinas: Editora da Unicamp, 2009

NEWITT, Malyn. **História de Moçambique**. Editor: Publicações Europa-América, 1997.

PÉLISSIER, René. **História de Moçambique. Formação e oposição: 1854-1918**. Lisboa: Estampa, v. 1, 2000.

POLLAK Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

RODRIGUES, Eugênia. As donas de prazos do Zambeze. Políticas imperiais e estratégias locais. In: PEREIRA, Magnus R. de Mello; SANTOS, Antonio Cesar de Almeida; ANDREAZZA, Maria Luiz & NADALIN, Sergio Odilon (eds.). **VI Jornada Setecentista: Conferências e comunicações**. Curitiba: Aos Quatro Ventos/Cedop, 2006, pp. 15-34.

SAMPAIO, Cristina. O Zumbo: um problema de “direitos históricos” na delimitação da fronteira - Cristina Sampaio. **Africana Studia**, nº 9, 2006, Edição do Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto (CEA-UP)

SANTOS, Ana Patrícia Peixinho Vicente. Entrevista a João Paulo Borges Coelho **Navegações**, v. 4, n. 1, p. 107-109, jan./jun. 2011

SEIBERT, Gerhard. The vagaries of violence and power in post-colonial Mozambique. In: AB-BINK, J. et al. (eds.). **Rethinking resistance: revolt and violence in African history**. Leiden, Brill, 2003, p. 253-276.

WIESER, Doris. “A língua é a própria carne do pensamento”. Entrevista a João Paulo Borges Coelho. **Cadernos de Estudos Africanos**. julho-dezembro de 2016, n.32, pp.145-172.

